

# UNIDADE NACIONAL E UNIDADE CONTINENTAL: UMA DISCUSSÃO ACERCA DOS PROJETOS POLÍTICOS DE AMÍLCAR CABRAL E KWAME NKRUMAH

## NATIONAL UNITY AND CONTINENTAL UNITY: A DISCUSSION ON THE POLITICAL PROJECTS OF AMÍLCAR CABRAL AND KWAME NKRUMAH

FELIPE SILVEIRA DE OLIVEIRA MALACCO\*

**Resumo:** O objetivo deste artigo é fazer uma análise imanente da obra, discursos políticos e produção teórica de Amílcar Cabral, líder independentista de Guiné-Bissau e Cabo Verde, e Kwame Nkrumah, líder da independência de Gana e notório pan-africanista, sobretudo no que diz respeito ao conceito de unidade política. Buscaremos entender quais são as condições necessárias para a construção e a explicação, por parte dos autores, do porque seria necessária a criação desta unidade política, seja em âmbito nacional, seja em âmbito continental. Para isso, nos debruçaremos na análise de obras de ambos os autores, explicitando as semelhanças e diferenças de análise, no que diz respeito à necessidade de uma unidade nacional, continental ou mesmo terceiro-mundista, que levasse adiante os processos independentistas. Além disso, buscaremos o entendimento da análise de ambos os autores no que diz respeito a qual sistema político deveria ser adotado nos países e/ou no continente recém-independentes.

**Palavras-chave:** Unidade Política, Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral.

**Abstract:** The objective of this article is to make an immanent analysis of the work, political speeches and theoretical production of Amílcar Cabral, independendist leader of Guinea-Bissau and Cape Verde, as well as Kwame Nkrumah, leader of Ghana's independence movement and a notorious pan-africanist, primarily regarding the concept of political unity. We'll attempt an understanding of the necessary conditions for building such political unity, as well as the authors' perception on what those conditions would be - both nation-wide and continent-wide. Thus, we'll examine both authors' works, surveying their similarities and differences concerning the need of national, continental, or even third-world unity, which would ignite the independentist movements. Furthermore, we'll examine both authors' conceptions in regard of which political regime should be adopted by those emancipated countries or the continent.

**Keywords:** Political Unit, Kwame Nkrumah, Amílcar Cabral.

---

Artigo recebido em 01 de março de 2018 e aprovado para publicação em 15 de outubro de 2018.

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História, linha História Social da Cultura, da Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista pela CAPES (fmalacco@hotmail.com).

## Introdução

Um quarto de século pode gerar mudanças profundas na história da humanidade. Para o caso do continente africano essa afirmativa é facilmente verificável. Praticamente todos os países africanos que existem hoje conseguiram sua independência em relação à metrópole entre 1950 e 1975. As independências foram a resposta continental a um longo processo de exploração política e econômica do continente. Embora existam autores que argumentam que esse tipo de abuso colonial da África tenha começado desde o período moderno com a escravidão<sup>1</sup>, é mais consolidado na historiografia africanista que a colonização é um processo umbilicalmente ligado ao contexto de imperialismo na Europa, no século XIX. Uma das principais definições do imperialismo é atribuída ao revolucionário russo Vladimir Ilitch Lenin:

Se fosse necessário dar uma definição, a mais breve possível do imperialismo, dever-se-ia dizer que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo. Mas as definições excessivamente breves, são insuficientes, já que é necessário extrair delas especialmente traços muito importantes do que é preciso definir. Por isso, convém dar uma definição do imperialismo que inclua os cinco traços fundamentais seguintes: 1) a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, baseada nesse capital financeiro da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância particularmente grande; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si, e 5) o termo da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes.<sup>2</sup>

Assim, o imperialismo pode ser definido como etapa de desenvolvimento do capitalismo em que houve fusão do capital industrial com o capital financeiro e que gerou um gigantesco aumento da produção, tanto industrial quanto de capital especulativo. Como a América tinha se tornado, ao menos politicamente, independente em relação à Europa durante no início do século XIX, África e Ásia foram os locais de expansão política e territorial imperialista.

Esse processo possuiu uma particularidade que o tornou ainda mais complicado, em longo prazo, para o continente africano. Durante a conferência de Berlim, fórum político imperialista onde foi decidido a forma que seria partilhado o continente africano, realizada entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, não houve o menor cuidado em respeitar os limites territoriais preexistentes no continente africano.

<sup>1</sup> Para mais, ver: RODNEY, Walter. Como a Europa subdesenvolveu a África. Lisboa: Seara Nova, 1975.

<sup>2</sup> LENIN, Vladimir Ilitch. O imperialismo: etapa superior do capitalismo. Campinas: Unicamp, 2011, pp.217-18.

Assim, no momento das independências, e principalmente no pós-independência, um problema a mais surge para as jovens nações africanas. Como criar uma unidade nacional? Ora, apenas como exemplo, Guiné-Bissau possui habitantes de inúmeros grupos étnicos, com passado, cultura e mesmo linguagem original diferentes, como os fulas, mandingas, balantas, bijagós, sosos, etc. Como criar um Estado que atenda os interesses desses diferentes grupos? Como conciliar os interesses da classe operária e camponesa com os da minúscula elite nacional? Como evitar a espoliação neocolonialista no pós-independência? Como evitar a balcanização do continente? A solução seria assegurar unidade nacional de algumas nações em específico ou de toda a África?

Como se percebe, essa é uma questão delicada e com várias respostas possíveis. Assim, a busca por algum grau de unidade foi uma das principais tarefas políticas das jovens nações africanas. Nesse sentido, este artigo procurará analisar duas diferentes propostas políticas de busca dessa unidade, a partir das formulações de Amílcar Cabral, líder da independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde, e de Kwame Nkrumah, líder da independência de Gana e notório difusor do pensamento pan-africanista.

### **Amílcar Cabral e Kwame Nkrumah**

Amílcar Cabral foi um revolucionário e estadista com atuação na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. Filho de pais cabo-verdianos, nasceu em 1924 em Bafatá, na Guiné-Bissau. Quando completou oito anos, sua família retornou a Cabo Verde, estabelecendo-se em Santiago. Na ilha, completou o ensino primário e secundário. Em 1945, após ter conseguido uma bolsa de estudos, ingressou no Instituto Superior de Agronomia em Lisboa. Sendo o único estudante negro de sua turma, rapidamente estabelece ligações com grupos antifascistas, em pleno salazarismo. Na Europa, entrou em contato com as teorias de reafrikanização dos espíritos, levadas adiante pelo movimento da negritude, dirigido pelo futuro presidente de Senegal Léopold Senghor. Entrou em contato também com as teorias marxistas, sendo leitor de Vladimir Lenin.

Graduou-se em 1950 e regressou a Bissau em 1952, contratado como adjunto pelo Ministério do Ultramar, para atuar no Serviços Agrícolas e Florestais da Guiné. Esse trabalho lhe permitiu um profundo conhecimento da realidade social existente nos campos da Guiné-Bissau. Criou a primeira Associação Esportiva, Recreativa e Cultural da Guiné, que era aberta tanto à elite local criada pelo próprio governo metropolitano português, os assimilados, quanto aos indígenas. Essa ação lhe gerou a antipatia do governador da colônia de Bissau, Melo e Alvim, que o obrigou a emigrar para Angola em 1953. Dois anos depois, participou da

Conferência de Bandung, onde tomou conhecimento das redes de solidariedade que estavam sendo formados para a libertação afro-asiática.

Em 1959, em conjunto com seu irmão Luis Cabral e Julio de Almeida, Elisée Turpin e Júlio de Almeida, fundou o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Inicialmente clandestino, em 23 de janeiro de 1963 o PAIGC iniciou a luta armada contra a metrópole, atacando inicialmente um quartel no sul da Guiné-Bissau, a partir de bases armadas que o partido estabeleceu na Guiné-Conacri. Apesar de ter escrito menos que outros líderes das independências africanas, Amílcar Cabral proferiu inúmeros discursos, grande parte dos quais hoje se encontram transcritos.

A atuação política de Cabral encontra consonância em Portugal. De acordo com Gustavo de Andrade Durão,

A sua [de Cabral] ação no PAIGC foi, fundamentalmente, o que propiciou uma série de inovações no pensamento anticolonial, e uma militância que impactou no fascismo do governo português. O pensamento cabralino agiu em sincronia com a Revolução dos Cravos que em 25 de abril de 1974 derrubou o regime salazarista, muito embora o político do PAIGC lutasse em outra frente.<sup>3</sup>

Dessas inovações produzidas pelo pensamento cabralino, o principal talvez seja o fato do papel que o guineense atribuiu à cultura para o movimento de libertação nacional. Conforme afirma Gustavo Rolim, a compreensão de Cabral está ligada à ideia de que num sistema de repressão colonial, que destrói a cultura do colonizado, a sua contestação terá como primeiro princípio a contestação cultural deste domínio e de seus sistemas racistas de justificação<sup>4</sup>.

A vida de Cabral foi bruscamente interrompida em 20 de janeiro de 1973, quando foi assassinado em Conacri. Gustavo Durão atribui o assassinato a membros da PIDE, a polícia política portuguesa, que estaria infiltrada no PAIGC<sup>5</sup>. Embora Cabral tenha falecido, suas ideias de independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde não morreram. Bissau declarou sua independência unilateral em 24 de setembro de 1973, sendo a primeira independência de colônia portuguesa na África. Cabo Verde se tornou independente em 1975.

Kwame Nkrumah foi um intelectual e estadista ganense. Nascido em 1909, estudou nos Estados Unidos, onde se graduou em Filosofia, em 1939, pela Universidade Lincoln na

<sup>3</sup> DURÃO, Gustavo de Andrade. O pan-africanismo de Amílcar Cabral: questões e temas atuais. In: Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília: Universidade de Brasília, 2017, p.2.

<sup>4</sup> ROLIM, Gustavo Koszeniewski. Revolução e cultura no pensamento de Frantz Fanon e Amilcar Cabral. In: MACEDO, José Rivair. O pensamento africano no Século XX. São Paulo: Outras Expressões, 2016, p.170.

<sup>5</sup> DURÃO, Op. cit., p.3.

Pensilvânia e obteve mestrado em Educação, em 1942, e em Filosofia no ano seguinte. Nos Estados Unidos, também obteve um segundo diploma, em Teologia, no Seminário Teológico Lincoln, de orientação protestante. Apesar disso, a religião cristã não tem influência decisiva em seu papel enquanto intelectual e também, posteriormente, quando se tornou estadista. De acordo com o historiador Alexandre Marcussi:

Apesar de seus vínculos institucionais com o cristianismo, a religião não viria a desempenhar um papel central em sua atuação como estadista. Na verdade, após a adoção de uma perspectiva filosófica ancorada no materialismo dialético, em meados dos anos 1940, Nkrumah passou a condenar a instrumentalização da religiosidade para a luta anticolonial. Para ele, a religião poderia até auxiliar na mobilização inicial das lutas sociais pela independência, mas teria, a longo prazo, o efeito de criar forças reacionárias internas em um Estado de orientação socialista.<sup>6</sup>

De fato, Nkrumah denuncia o papel da religião cristã protestante enquanto instrumento do neocolonialismo. Em seu livro *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo*, ele afirma que:

Um dos métodos mais insidiosos do neocolonialismo é talvez o evangelismo. Em seguida ao movimento de libertação houve uma verdadeira enchente de seitas religiosas, em sua grande maioria norte-americanas. Exemplo típico são as Testemunhas de Jeová, que recentemente criaram dificuldades em algumas nações em desenvolvimento ensinando diligentemente seus cidadãos a não saudar as bandeiras nacionais.<sup>7</sup>

Porém, algo de sua experiência estadunidense que tem direta influência em sua atuação política e intelectual é sua aproximação com o marxismo, principalmente a partir de seu contato com intelectuais pan-africanistas e marxistas como o trinitino C. L. R. James e com George Padmore, com quem aprofundou laços na Inglaterra.<sup>8</sup> Este segundo, aliás, se tornaria uma pessoa chave para o governo de Nkrumah em Gana, se tornando homem de confiança do estadista e o conselheiro para os Negócios Africanos.<sup>9</sup> Como veremos, para Nkrumah, acordos com a União Soviética não eram um problema, uma vez que a partir do conceito diplomático da Política Externa Independente, projeto político que em Gana foi esboçado por Padmore, não importa a orientação ideológica do parceiro comercial ou diplomático. O que importava era criar condições para o desenvolvimento africano.

---

<sup>6</sup> MARCUSSI, Alexandre Almeida. Personalidade, raça e nação na África pós-colonial: alguns apontamentos a partir das ideias de Kwame Nkrumah. In: REIS, Raissa; RESENDE, Taciana; MOTA, Thiago (Orgs). Estudos sobre África Ocidental: dinâmicas culturais, diálogos atlânticos. Curitiba: Prismas, 2016, p.261.

<sup>7</sup> NKUMAH, Kwame. Neocolonialismo: último estágio do imperialismo. Trad. Maurício C. Pedreira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.290.

<sup>8</sup> PAIM, Márcio. Pan-africanismo: política, libertação e golpe de Estado. Revista TEL, Irati, v. 7, n. 1, p.221, jan./jun. 2016.

<sup>9</sup> DECRAENE, Philippe. O pan-africanismo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

Em 1947, houve uma mudança decisiva na atuação política de Nkrumah, com seu retorno à Costa do Ouro, após se tornar secretário geral da Convenção da Costa do Ouro Unida (UGCC), organização que lutava pelas independências dos territórios coloniais. Passou por Libéria, Costa do Marfim e Serra Leoa, momento em que foi ganhando certa notoriedade política. Toda sua ação política deste período é materializada em 1949, quando da criação do Partido de União Popular (CPP na sigla em inglês). A partir de 1950, o partido começa a colocar em prática atividade de boicotes, greves e outras táticas de desobediência civil<sup>10</sup>.

Pela sua atuação entre os movimentos de agitação social, Nkrumah é preso pela administração colonial em 1950. Sai da prisão com o CPP já aclamado, com a maioria das cadeiras nas eleições coloniais parlamentares de 1951, e notório, o maior líder político nacionalista da Costa do Ouro e uma referência para o pan-africanismo no cenário continental e internacional<sup>11</sup>.

Nkrumah proclamou a independência administrativa de Gana em 6 de março de 1957 e passou a governar o país em um programa pautado pela continuidade das estruturas econômicas do período colonial, mantendo-se a dependência frente ao capital britânico e, progressivamente, também ao capital norte-americano<sup>12</sup>. Internacionalmente, sua política se pautava na lógica da Política Externa Independente, a partir, sobretudo, da Conferência de Bandung, realizada em 1955.

Para Nkrumah, a África só alcançaria o desenvolvimento econômico e uma consequente liberdade através de sua industrialização. Para isso, passou a tomar medidas que acelerassem a exploração agrícola e tomou medidas contra atividades que pudessem, de alguma maneira, paralisar a produção, como o Preventive Detection Act, em 1958, que dava ao Estado o poder de prender pessoas por atividades subversivas, conforme explica Anne Lawson.<sup>13</sup> Este ato, inclusive, o deu prerrogativas legais para prender líderes grevistas em 1961. Em 1964, impôs uma emenda constitucional em que o CPP se tornava o único partido, com ele como presidente vitalício. Na prática, se tornou um ditador constitucional.

Pelo desenvolvimento industrial a qualquer custo, Nkrumah solicitou altos montantes de empréstimos internacionais, que afundaram o país em dívida externa. Como já não possuía mais apoio da burguesia nacional, em fevereiro de 1966, enquanto estava em uma visita

---

<sup>10</sup> SCHERER, Mathias Inácio. Kwame Nkrumah, o neocolonialismo e o pan-africanismo. In: MACEDO, José Rivair. O pensamento africano no século XX. São Paulo: Outras Expressões, 2016, p.145.

<sup>11</sup> MARCUSSI, Op. cit., p.263.

<sup>12</sup> Ibidem, p.263.

<sup>13</sup> LAWSON, Amme. Kwame Nkrumah quest for pan africanism: from independence leader to deposed despot. Wolfville: Acadia University, 2004, p.119.

diplomática ao Vietnã<sup>14</sup>, seu governo foi derrubado por um golpe militar apoiado pela CIA, liderado por Emmanuel Kwasi Kotoka. Após o golpe, Nkrumah nunca voltou a Gana, tendo ido viver na Guiné-Conacri, onde o presidente Ahmed Sékou Toure o abrigou e o fez co-presidente honorário. Morreu de câncer de pele, em 1972, com 62 anos de idade.

Como se percebe por essa breve exposição biográfica, Amílcar Cabral e Kwame Nkrumah foram destacados agentes das independências de seus respectivos países. Lutaram contra a influência estrangeira no continente africano que, através de um assassinato e de um golpe de Estado, colocaram fim à ação política direta de ambos. Antes de seus respectivos fins, porém, cabe ressaltar que ambos possuíam contato direto. Já em seu exílio na Guiné-Conacri, Nkrumah conheceu Cabral e ambos possuíam inúmeros pontos de aproximação teórica. Conforme elucida Ama Biney,

Nkrumah's voracious appetite for reading and discussions with the Guinea Bissau national liberation leader, Amílcar Cabral, appears to have shaped his ideas on armed struggle and national liberation movements. Cabral, who had been given a house in Conakry by President Sékou Touré, was one of his few visitors. The two would be engaged in political discussions, on one occasion in June 1967, Cabral presented a film on 'Portuguese Guinea' to Nkrumah [í ] Amílcar Cabral's influence on Nkrumah is most likely to have shaped his political analysis of national liberation struggles. Both political leaders shared many similarities, such as an indoctrinaire belief in Marxist method as a tool for political analysis. Additionally, both were pragmatists, anti-imperialist, and anti-neocolonialism. They also demonstrated politically independentist thought and believed in the necessity for a vanguard revolutionary party led by conscious political elite to transform African society. Yet whereas Cabral's political analysis came from practical experience, Nkrumah had no direct experience of revolutionary warfare<sup>15</sup>.

A partir dessa aproximação, por veze complementares, por vezes dissonantes, consideramos importante analisar a ação teórica dos dois agentes. Nkrumah e Cabral

<sup>14</sup> Embora possa haver divergências sobre onde estaria Kwame Nkrumah no momento do golpe de Estado que o depôs, a historiografia corrente afirma que ele estava em visita ao Vietnã. Para mais, ver: ADI, Hakim; SHERWOOD, Marika. Pan-african history political figures from Africa and the diaspora since 1787. Londres: Routledge, 2003, p.145; BINEY, Ama. The political and social thought of Kwame Nkrumah. Nova York: Palgrave MacMillan, 2011, p.158.

<sup>15</sup> BINEY, Op. cit., pp.164-65. Tradução minha: O apetite voraz de Nkrumah por leitura e discussões com o líder da libertação nacional da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral, parece ter moldado suas ideias sobre a luta armada e os movimentos de libertação nacional. Cabral, que recebera uma casa em Conakry pelo presidente Sékou Touré, foi um de seus poucos visitantes. Os dois estariam engajados em discussões políticas, em uma ocasião em junho de 1967, Cabral apresentou um filme sobre "Guiné Portuguesa" para Nkrumah [...] A influência de Amílcar Cabral em Nkrumah provavelmente moldou sua análise política das lutas de libertação nacional. Ambos os líderes políticos compartilhavam muitas semelhanças, como uma crença não-doutrinária no método marxista como uma ferramenta para a análise política. Além disso, ambos eram pragmáticos, anti-imperialistas e anti-neocolonialistas. Eles também demonstraram um pensamento politicamente independentista e acreditavam na necessidade de um partido revolucionário de vanguarda liderado por uma elite política consciente para transformar a sociedade africana. No entanto, enquanto a análise política de Cabral veio da experiência prática, Nkrumah não tinha experiência direta de guerra revolucionária.

pensaram as formas de luta pela independência e construção dos novos Estados, lidando com todas as dificuldades que foram impostas pela forma que se deu a colonização de África.

### Unidade em Amílcar Cabral

A questão da criação de uma unidade para Cabral é fundamental. Afinal, o projeto político do PAIGC era a união do arquipélago, situado a cerca de 570 km da costa da África Ocidental e um país continental. A própria forma de colonização foi diferente. Cabo Verde era um arquipélago desabitado, onde chegaram as caravelas portuguesas em 1460. Dessa forma, ao contrário da maior parte da África, incluindo Bissau, foi de fato uma colônia nos moldes mercantilistas, desde a sua descoberta. Como Cabo Verde não possuía população autóctone, foi habitada por portugueses e escravizados africanos, que paulatinamente deram origem a uma população de filhos da terra.

Talvez por isso que a criação de uma unidade era condição tão premente para Amílcar Cabral, sendo "Unidade e Luta" o lema do PAIGC. Nas palavras do próprio autor, "para dar aos camaradas uma ideia do que é unidade e para dizer aos camaradas que o fundamento principal da unidade é que para ter unidade é preciso ter coisas diferentes. Se não forem diferentes, não é preciso fazer unidade"<sup>16</sup>. O motivo principal para existir a necessidade de unidade é a própria condição criada pela colonização: "com a dominação estrangeira na nossa terra, com a proibição que sempre houve, em toda a nossa vida, de qualquer partido político, não havia partidos diferentes para terem como se unir, não havia rumos políticos diferentes para seguirem o mesmo caminho, para juntarem para fazer a unidade"<sup>17</sup>. Ou seja, para Cabral foi a própria colonização que criou a necessidade da organização partidária na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, bem como a necessidade da unidade de ação.

A relação entre unidade e luta era dialógica. Havia a necessidade da unidade para se lutar contra o colonialismo e, em contrapartida, necessidade de lutar para se manter essa unidade, que seria primordial para a construção do novo país que surgiria após a independência.<sup>18</sup> Para Cabral, essa unidade deve ser buscada entre todos aqueles que desejavam o fim da colonização, independente de uma questão de raça, etnia ou classe.

Com relação à divisão étnica, Cabral afirma que essa não era uma condição que deveria ser levada em conta pelo PAIGC. Era, na verdade, um mecanismo colonialista para não permitir a unidade nacional:

<sup>16</sup> CABRAL, Amílcar. Unidade e luta, p.4. Disponível em <http://www.amilcabcabral.org/livro.pdf> (Acesso em 26 de outubro de 2017).

<sup>17</sup> Ibidem, p.5.

<sup>18</sup> Ibidem, p.8.

Assim como no começo da luta diziam: õfulas, vocês, com vocês é que vamos ganhar esta guerra, porque vocês é que são os melhores filhos da Guiné, etc. Quando falam em Manjaco, dizem o mesmo. Dizem que os papéis é que fazem mal aos fulas, que os fulas é que fazem mal aos papéis, para dividir. Mas já viram que isso não dá nada. No nosso Partido ninguém dividiu, pelo contrário, cada dia nos unimos mais. Aqui não há papel, nem fula, nem mandinga, nem filhos de cabo-verdianos, nada disso. O que há é PAIGC e vamos para diante.<sup>19</sup>

Porém, sobre a questão da classe, era primordial que a pequena burguesia e a burguesia cabo-verdiana e guineense cometessem õsuicídio de classeõ: õPara desempenhar o papel que lhe cabe na luta de libertação nacional, a pequena burguesia revolucionária deve suicidar-se como classe, para ressuscitar na condição de trabalhador revolucionário, inteiramente identificado com as aspirações profundas do povo a que pertenceõ<sup>20</sup>. Com relação à questão de raça, Cabral afirma que õcontra os colonialistas portugueses, queremos até mesmo gente desse grupo de brancos, para lutarem ao nosso lado, se eles quiseremõ<sup>21</sup>.

Para a luta em Cabo Verde e na Guiné-Bissau, Cabral também não as concebe como lutas que podem ser levadas separadamente:

Se tomamos só a Guiné, vemos muitas contradições dentro dela. Em Cabo Verde, tomando só Cabo Verde, há muitas contradições. Mas tomando no conjunto, as contradições diminuem. [...] Não há movimento em Cabo Verde, só de filhos de Cabo Verde, que tenha avançado, não há nenhum. [...] Claro que todos aqueles que lutam pela unidade africana, entendem que nós somos o único exemplo, com a Tanzânia que resultou da União da Tanganica com Zanzibar, que luta de facto pela unidade africana. Mas não existe um problema verdadeiro de lutar pela unidade da Guiné e Cabo Verde, porque, por natureza, por história, por geografia, por tendência econômica, por tudo, até por sangue, a Guiné e Cabo Verde são um só.<sup>22</sup>

Como se vê, além do motivo econômico, Cabral atribui inúmeros motivos ó natureza, sangue, história e geografia ó para a necessidade da conjunta luta guineense e cabo-verdiana. Mais à frente em seu discurso, Cabral também atribui um motivo tático, que seria a possibilidade de Portugal utilizar Cabo Verde, ainda em condição colonial, como base aérea para bombardeios na Guiné, com a utilização de aviões portugueses e também sul-africanos, país que, segundo Cabral, possuía interesses em Cabo Verde.<sup>23</sup>

Unidade ampla, completa e irrestrita que leve à libertação nacional. É essa a concepção de Cabral sobre o que levaria à libertação. Mas o que garantiria algo que suplantasse as divergências étnicas e de classe? No pensamento cabralino, a cultura que teria esse papel. Essa cultura, a princípio, havia sido suprimida pelo colonialismo:

<sup>19</sup> Ibidem, p.19.

<sup>20</sup> Ibidem, p.87.

<sup>21</sup> Ibidem, p.10.

<sup>22</sup> Ibidem, pp.17-8.

<sup>23</sup> Ibidem, p.25.

A história ensina-nos que, em determinadas circunstâncias, é fácil ao estrangeiro impor seu domínio a um povo. Mas ensina-nos igualmente que, sejam quais forem os aspectos materiais desse domínio, ele só pode manter com uma repressão permanente e organizada da vida cultural desse mesmo povo, não podendo garantir definitivamente sua implantação a não ser pela liquidação física de parte significativa da população dominada.<sup>24</sup>

A retomada da cultura local, no sentido da ãreafricanizaãõ, é encarada como um primeiro passo necessário às elites ocidentalizadas, mas que deve ser superado na criação de uma nova cultura nacional. Este seria o principal elemento de resistência ao domínio estrangeiro, uma vez que, para Cabral, é no plano ideológico a manifestação mais vigorosa da realidade histórica e material da sociedade que domina e também da dominada, e tem direta relação com o nível das forças produtivas e dos modos de produção.<sup>25</sup>

Tendo direta relação com as forças produtivas e o modo de produção, e sendo os povos colonizados subalternos em relação aos colonizadores, a luta cultural seria também parte da luta de classes. Conforme argumenta Cabral, embora as camadas privilegiadas possam dar força à luta de libertação, as ações devem ser baseadas na cultura popular, com base nos trabalhadores do campo e da cidade. Inclui também a pequena-burguesia nacionalista e revolucionária, que deveria ser ãreafricanizada ou, no mínimo, estar disponível para uma reconversão cultural, abandonando traços da cultura colonizadora. Essa cultura não é, contudo, estanque. Cabe ao movimento de libertação diferenciar o que é progressivo, o que é reacionário, em busca sempre de uma nova cultura popular.<sup>26</sup>

O principal argumento de Cabral é sempre a busca pela unidade, então a cultura também deveria ser única, nacional.<sup>27</sup> Emanando da unidade política e moral, ela deveria, inclusive, apagar resquícios das identidades étnicas.<sup>28</sup> Não sendo estanque, e também sendo passível de mudança rumo a um desenvolvimento e progresso nacional, a unidade cultural poderia unir a pequena-burguesia nacionalista, que faz parte da vanguarda revolucionária, e a classe operária da cidade e do campo:

Os dirigentes do movimento de libertação, originários da ãpequena burguesia, ou dos meios trabalhadores das cidades, tendo de viver cotidianamente [no momento da luta armada] com as diversas camadas camponesas, no seio das populações rurais, acabam por melhor conhecer o povo, descobrem na própria fonte a riqueza de seus

<sup>24</sup> CABRAL, Amílcar. Libertação nacional e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2012, p.357.

<sup>25</sup> Ibidem, pp.359-60.

<sup>26</sup> Ibidem, p.366.

<sup>27</sup> De acordo com Achille Mbembe, a mobilização de uma singularidade cultural africana, em conjunto com a espoliação do continente pelas grandes potências, seria justificativa para o direito a soberania e autodeterminação das nascentes nações africanas. Para mais, ver: MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, Ano 23, n. 1, pp. 171-209, 2001.

<sup>28</sup> CABRAL, 2012, Op. cit., p.373.

valores culturais, adquirem uma consciência mais nítida das realidades econômicas do país, dos problemas, sofrimentos e aspirações das massas populares [...] Os dirigentes enriquecem assim a sua cultura ó cultivam-se e libertam-se de complexos, reforçando a capacidade de servir o movimento, ao serviço do povo. Por seu lado, as massas trabalhadoras e, em especial, os camponeses, geralmente analfabetos e que nunca ultrapassaram os limites da aldeia ou da região, perdem, nos contatos com outras categorias, os complexos que os limitavam nas relações com outros grupos étnicos ou sociais; compreendem a sua condição de elementos determinantes da luta [...] Tornam-se mais aptos assim para desempenhar o papel decisivo de força principal do movimento de libertação.<sup>29</sup>

Dessa longa citação, inferem-se dois pontos do pensamento cabralino. Em primeiro lugar, conforme escreveu Gustavo Rolim, para Cabral não haveria revolução sem o minucioso estudo da realidade colonial e do país, o que permitiria uma constante reelaboração e adaptação teórica da luta, e essa realidade contem sua faceta cultural, que é o elemento principal para a libertação da condição colonial<sup>30</sup>.

Em segundo lugar, por fim, há de se lutar pela unidade cultural, através da interação entre vanguarda revolucionária pequeno-burguesa e massas proletárias, que levaria a pequena-burguesia a criar uma consciência de classe em conjunto com as massas proletárias, se reafriando. As massas, por sua vez, teriam sua cultura elevada a uma nova condição mais evoluída, podendo tomar sua importante parte na libertação nacional. Cria-se assim a necessária unidade cultural que, de maneira dialógica, emanaria da luta armada. Retoma-se, desta forma, o cerne do pensamento cabralino, em que não há luta sem unidade e não há unidade sem luta.

### **Unidade em Kwame Nkrumah**

Conforme escrito no começo deste artigo, Kwame Nkrumah foi um pensador e um grande difusor do pan-africanismo. Também foi um grande pregador da necessidade da unidade mas, no caso, da unidade continental. Porém, é importante salientar que mesmo com essa percepção, Nkrumah não enxerga a luta pela libertação nacional como algo secundário, ou não passível de atenção. O próprio lema do CPP era òprimeiro a liberdadeö. De fato, como elucida Boni Gebe, òthere is no doubt that the most important element in Ghanaö foreign policy agenda at independence was the liberation of the rest of the continent from colonialismö<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> CABRAL, 2012, Op. cit., p.372.

<sup>30</sup> ROLIM, Op. cit., p.185.

<sup>31</sup> GEBE, Boni. Ghanaö foreign policy at independence and implications for the 1966 coup d'etat. The Journal of Pan African Studies, Santa Clarita, v 2, n. 3, mar. 2008, p.167. Tradução minha: não há dúvida de que o elemento mais importante na agenda de política externa de Gana na independência foi a libertação do resto do continente do colonialismo.

Em seu livro *Africa Must Unite*, Nkrumah dedica um capítulo à questão. A princípio, o ganês argumenta que *As long as the government of less developed countries remains in the hands of colonial administrators, their economies are set to a pattern determined by the interests, not of the indigenous inhabitants but of the national beneficiaries of the ruling country*<sup>32</sup>. Nkrumah segue sua argumentação afirmando que diferentemente do momento anterior à Segunda Guerra Mundial, quando estouraram greves e outras atividades políticas em favor de reformas no modo de colonização, a década de 1940 assistiu ao nascimento de organizações e partidos populares que demandavam a independência política. Afirma que a solidariedade entre esses partidos poderia fortalecer a luta pela liberdade em toda a África.<sup>33</sup>

A luta nacional, conduzida pelas massas, seria um importante primeiro mecanismo de libertação. Seria condição prévia para tudo isso [...] promover o esclarecimento ideológico entre as massas anti-imperialistas, anticolonialistas, pró-libertação de nossos continentes. Elas e somente elas podem sustentar ou interromper revoluções<sup>34</sup>. Porém, Kwame Nkrumah argumenta que a luta nacional, apenas, não seria a luta final, que asseguraria a libertação do continente africano. Seria, inclusive, uma forma de o neocolonialismo manter a situação de exploração econômica, apesar de uma aparente libertação política:

Descolonização é uma palavra insincera e frequentemente usada pelos porta-vozes imperialistas para descrever a transferências de controle político da soberania colonialista para a africana. A mola mestra do colonialismo, no entanto, continuar controlando a soberania. As nações novas são ainda fornecedoras de matérias primas, as velhas de produtos manufaturados. A alteração das relações econômicas entre novas nações soberanas e seus antigos senhores é apenas de forma. O colonialismo encontrou um novo disfarce. Tornou-se o neocolonialismo, o último estágio do imperialismo; sua última proclamação de existência, como capitalismo monopolista ou imperialismo é o último estágio do capitalismo. E o neocolonialismo está se entrincheirando rapidamente dentro do corpo da África, através das combinações de consórcios e monopólios que são os exploradores da revolta africana contra o colonialismo.<sup>35</sup>

Como se vê pela citação acima, para Nkrumah, o grande problema da luta apenas nacionalista ou independentista é que a sua efetividade é limitada, uma vez que as relações econômicas entre metrópole e ex-colônia não mudam em seu cerne. As novas nações africanas continuariam em uma posição subalterna na divisão internacional do trabalho, sendo

<sup>32</sup> NKRUMAH, Kwame. *Africa must unite*. Nova York: Frederick A. Praeger, 1963, pp.50-51. Tradução minha: enquanto o governo de países menos desenvolvidos continuarem nas mãos dos administradores coloniais, suas economias serão condicionadas por padrões de interesses não dos habitantes indígenas, mas pelos beneficiários nacionais das metrópoles.

<sup>33</sup> *Ibidem*, pp.51-3.

<sup>34</sup> NKRUMAH, 1967, *Op. cit.*, p.298.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p.35.

exploradas economicamente pelo neocolonialismo que, para o autor, é a última fase do imperialismo.

O neocolonialismo utiliza-se de inúmeros meios para garantir a continuidade da exploração colonial. Nkrumah afirma que ao conceder a independência seguida de uma ajuda para o desenvolvimento, o neocolonialismo levado a cabo pelos Estados Unidos, Europa e, principalmente, pelos grandes conglomerados financeiros e industriais, se resume a uma série de tentativas de perpetuar a condição do colonialismo<sup>36</sup>. Utiliza-se, inclusive, de meios não necessariamente econômicos para isso, como os mecanismos de propaganda no cinema, religião e imprensa, mantém intensa guerra psicológica contra as ex-colônias e cria mecanismos próprios para essa manutenção, como o rearmamento moral e o corpo de paz, no caso dos Estados Unidos.

Outro mecanismo, que ocupa grande espaço nos escritos de Nkrumah, é a prática da balcanização. Este é um termo geopolítico utilizado para descrever o violento processo de fragmentação ou divisão de uma região ou Estado em regiões ou Estados menores que frequentemente são hostis ou não cooperativos entre si. Para Nkrumah, é o principal instrumento do neocolonialismo, atuando na chave do dividir para conquistar.

Outro problema que Nkrumah aponta para a luta apenas nacionalista ou independentista é o fato de que, para fazê-la, há a necessidade das massas se aliarem à burguesia local. O problema da classe, outrora esquecido, surge com força no momento pós-independência. De acordo com o autor,

Durante o período precedente à independência as divisões de classes foram esquecidas, período esse em que parecia existir unidade nacional e todas as classes se ligaram com o objetivo de expulsar o poder colonial [...] A independência fez emergir de novo, por vezes até com maior intensidade, as divisões sociais, temporariamente esquecidas na luta pela liberdade política, sobretudo nos Estados recentemente independentes de tendências socialistas. Porque a burguesia africana, classe que se desenvolveu sob o colonialismo, é a mesma classe que se beneficia depois da independência, do neocolonialismo.<sup>37</sup>

Por esses motivos, para Nkrumah, a luta por unidade puramente nacional não teria força para resolver os problemas africanos. É aí que entra a principal postulação teórica de Nkrumah, que seria a necessidade de uma unidade continental. Conforme escreveu Mathias Scherer, a unidade do continente africano para o estadista ganês vislumbra o

<sup>36</sup> Ibidem, p.281.

<sup>37</sup> NKURUMAH, Kwame. A luta de classes em África. Lisboa: Universidade Sá da Costa Editora, 1977, p.9.

desenvolvimento baseado na planificação econômica baseado em escala continental com o objetivo de incrementar o poder industrial e econômico<sup>38</sup>.

Nkrumah escreve que a África é um continente extremamente rico em recursos naturais próprios. Esses recursos, inclusive, seriam complementares. O problema é que, em virtude do colonialismo, esses recursos não foram aplicados para o desenvolvimento econômico e industrial do próprio continente. Ao contrário, pelo modo que se desenrolou a colonização africana, apenas como colônia de exploração, esses recursos foram utilizados para o desenvolvimento da metrópole. É nesse sentido de complementariedade de produção de matérias primas e necessidade de desenvolvimento econômico de conjunto que surge a necessidade de um desenvolvimento político e econômico pan-africano:

The necessary capital for the development can only be accumulated by the employment of our resources on a continental extension. This calls for a central organization to formulate a comprehensive economic policy for Africa which will embrace the scientific, methodical and economic planning of our ascent from present poverty into industrial greatness. Internal customs barriers can be eliminated; differences in domestic structures accommodated. Currency difficulties must disappear before a common currency. None of our problems is insuperable.<sup>39</sup>

Assim como Cabral, Nkrumah entende as divisões étnicas como um problema para a construção da unidade continental que pretende criar. Mais que isso, essa divisão é mais uma forma de ação do neocolonialismo. Segundo o autor, quando a ãindependence appears on the horizon, the imperialist powers, fishing in the muddy waters of communalism, tribalism and sectional interests, endeavour to create fissions in the national front, in order to achieve fragmentation<sup>40</sup>.

Dessa forma, para sobreviver frente a um inimigo tão poderoso, que com a consolidação do capital financeiro se tornou supranacional, para Nkrumah, apenas a unidade pan-africana garantiria a sobrevivência de uma África livre e dona do próprio destino. Segundo o estadista ganês:

The survival of free Africa, the extending independence of this continent, and the development towards at bright future on which our hopes and endeavours are

<sup>38</sup> SCHERER, Op. cit., p.159.

<sup>39</sup> NKUMAH, 1963, Op. cit., p.157. Tradução minha: O capital necessário para o desenvolvimento apenas pode ser acumulado pelo emprego de nossos recursos em uma extensão continental. Isso chama a necessidade de uma organização central que formule uma política econômica compreensiva para toda África que englobará o planejamento científico, metódico e econômico de nossa ascensão da pobreza presente à grandeza industrial. As barreiras aduaneiras internas devem ser eliminadas; diferenças nas estruturas domésticas acomodadas. As dificuldades de moeda devem desaparecer ante uma moeda comum. Nenhum dos nossos problemas é insuperável.

<sup>40</sup> Ibidem, p.173. Tradução minha: independência aparece no horizonte, os poderes imperialistas, pescando nas barrentas águas do comunismo, tribalismo e interesses seccionais, esforça-se para criar fissões na frente nacional, a fim de conseguir a fragmentação.

pinned, depend upon political unity. Under a major political union of Africa there could emerge a United Africa, great and powerful, in which the territorial boundaries which are the relics of colonialism will become obsolete and superfluous, working for the complete and total mobilization of the economic planning organization under a unified political direction. The forces that unite us are far greater than the difficulties that divide us at present, and our goal must be the establishment of Africa's dignity, progress and prosperity.<sup>41</sup>

Para além da memória e luta anticolonial e necessidade de luta pan-africana contra o neocolonialismo, Nkrumah estabelece outro fator que seria parte dessas forças que nos unem: o conceito de personalidade africana. Desenvolvido, sobretudo, no livro *Consistency*, Nkrumah inferiu que a África era capaz de fazer evoluir uma ideologia e filosofia própria, que seria capaz de resolver a crise de consciência que afetavam a sociedade africana.<sup>42</sup>

O conceito foi amplamente abordado por Alexandre Marcussi em seu já citado artigo *Personalidade, raça e nação na África pós-colonial: alguns apontamentos a partir das ideias de Kwame Nkrumah*. Segundo o autor, para existir uma nação continental africana, era necessário postular o que os africanos possuíam em diferente das outras nações do mundo. Afastando-se da concepção de raça, utilizada nos primeiros momentos do pan-africanismo, Nkrumah criou uma interpretação própria do conceito de personalidade africana, já mobilizada por autores como Edward Blyden em fins do século XIX e que serviu de base para o movimento da negritude.<sup>43</sup>

Essa ideia é primeiramente concebida a partir do que ela não é, ou seja, deveria absorver de uma forma não-africana as influências externas da cultura ocidental, do islamismo e do cristianismo. Em seguida, sua concepção de que o que a África tem em comum é seu comunalismo, ou seja, não era uma sociedade baseada em estratificações sociais ou de desigualdades de classe. Esse comunalismo não teria desaparecido no período da colonização, ficando de certa forma, apenas adormecido. Porém, para Nkrumah, a experiência da colonização não deveria ser descartada, ao contrário, seria importante parte da passagem do

<sup>41</sup> NKUMAH, 1963, Op. cit., p.221. Tradução minha: A sobrevivência da África livre, a extensão da independência deste continente e o desenvolvimento para um futuro brilhante em que nossas esperanças e esforços são fixados dependem da unidade política. Sob uma grande união política da África, pode surgir uma África unida, grande e poderosa, na qual as fronteiras territoriais que são as relíquias do colonialismo tornar-se-ão obsoletas e supérfluas, trabalhando para a mobilização completa e total da organização do planejamento econômico sob um sistema unificado direção política. As forças que nos unem são muito maiores do que as dificuldades que nos dividem no presente, e nosso objetivo deve ser o estabelecimento da dignidade, progresso e prosperidade da África.

<sup>42</sup> KAH, Henry. Kwame Nkrumah and the pan-african vision: between acceptance and rebuttal. *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, v. 5, n. 9, Jan./Jun. 2016, p.147.

<sup>43</sup> Para essa aproximação e reapropriação de Nkrumah com o conceito de personalidade africana de Edward Blyden, ver: LEGUM, Colin. *Pan-africanism: a short political guide*. Nova York: Frederick A. Praeger, 1965, pp.20-22; BINEY, Op. cit., p.121.

comunalismo tradicional para uma utopia socialista pan-africana. Assim, os elementos externos deveriam ser digeridos, em encontro a uma noção de progresso civilizacional africano.<sup>44</sup>

Concepção da luta pela libertação nacional como importante, porém insuficiente. Necessidade de um governo unificado para todo o continente africano, que a partir de sua complementariedade econômica, iria gerar Estado continental forte o bastante para fazer frente ao colonialismo e ao neocolonialismo, colocando a África em uma situação privilegiada no patamar internacional. Tudo isso baseado em uma ideia de passado, presente e futuro em comum, compartilhada por toda a África, expresso através do conceito de personalidade africana. A nosso entender, é essa a concepção de unidade pan-africana de Kwame Nkrumah.

### **Construção no socialismo?**

Enquanto Amílcar Cabral concebe unidade como elemento necessário para a construção das independências de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, Kwame Nkrumah entende que essa unidade deve ser alargada a todo o continente, através de um pan-africanismo político e econômico, de forma a criar as condições necessárias para o enfrentamento do colonialismo e do neocolonialismo.

Em primeiro lugar, é necessário entender o momento político em que cada um falava. Enquanto Nkrumah e o CPP assegurou a independência de Gana através da desobediência civil, participação em ação direta, como as greves, e nos fóruns diplomáticos com a Inglaterra, Amílcar Cabral e o PAIGC estavam em luta armada aberta contra Portugal. Portanto, para o guineense era necessário, antes de tudo, assegurar a libertação nacional<sup>45</sup>. A partir desses diferentes contextos políticos, é compreensível que os autores tenham diferentes pensamentos sobre a mais premente concepção de unidade que desejam adotar.

Porém, tanto Nkrumah como Cabral possuem pontos que permitem fazer aproximações sobre sua atuação política e intelectual: necessidade da criação de uma unidade contra o inimigo em comum, entender a divisão étnica como um problema e entendimento da luta contra o colonialismo como algo sumamente importante. Dentre outras possíveis aproximações, este tópico se debruçará sobre a concepção de ambos os autores de que o novo

---

<sup>44</sup> MARCUSSI, Op. cit.

<sup>45</sup> Aqui cabe o parêntese de que a luta pela libertação de Cabo Verde e da Guiné-Bissau parte do pragmatismo e da necessidade imediata do movimento que Amílcar Cabral liderou. Porém, este movimento foi ampliado. Conforme escreveu Hakim Adi e Marika Sherwood, o PAIGC, na figura de Cabral, participou de conferências na Tunísia, no Marrocos e no Egito, para tentar alinhar e auxiliar movimentos de independência nas outras colônias africanas portuguesas, como Angola e Moçambique, ainda para adquirir independências nacionais. Para mais, ver: ADI; SHERWOOD, Op. cit., p.17.

Estado, independentemente de nacional ou continental, deveria ser construído sobre uma base política socialista, especificamente nos moldes do marxismo-leninismo.

Analisando os trabalhos de Cabral, podemos começar a conceber uma concepção socialista à medida que ele fala da necessidade de suicídio de classe da pequena-burguesia, de onde sairiam os dirigentes do processo de emancipação política. Ora, se esse suicídio de classe é necessário, naturalmente o político guineense pensa na luta pela libertação como uma luta da libertação proletária.

Mais explícito ainda é a sua ligação com a perspectiva socialista revolucionária, que se dá no capítulo seis do livro *Unidade e luta*, chamado *Uma luz fecunda ilumina o caminho da luta*. Nas palavras de Cabral, “para os movimentos de libertação, Lenine forneceu mais esta valiosa contribuição: demonstrou, definitivamente, que os povos oprimidos podem libertar-se e ultrapassar todos os obstáculos para a construção de uma vida de justiça, de dignidade e de progresso”<sup>46</sup>. Como se percebe, Cabral está fazendo uma analogia da luta de libertação nacional movida pelo PAIGC com a Revolução de Outubro na Rússia. O lastro da comparação reside no fato de ambas serem situações ocorridas em países não desenvolvidos industrialmente, em uma situação política de autoritarismo e de opressão ao grosso da população.

Mais diretamente, Cabral concebe que sua luta se dá na luta de classes contra o imperialismo e, conseqüentemente, contra o modo de produção capitalista:

Aquela força, aquela opressão que está a ser exercida sobre nós, vem da classe dirigente de Portugal, da burguesia capitalista portuguesa, que tanto explora o povo de Portugal, como explora o nosso povo. E, como sabemos bem, a classe dirigente de Portugal a classe colonialista de Portugal, está ligada à dominação do mundo por outras classes doutros países, formando juntas, a dominação imperialista. Está ligada ao conjunto das forças capitalistas do mundo que, dominando os seus próprios países, têm necessidade vital de dominar outros povos, outros países, tanto para terem matérias primas para a sua indústria, como para terem mercados para os seus produtos. Por isso, nós somos dominados pela classe capitalista colonialista portuguesa ligada ao imperialismo mundial. O nosso povo está, portanto, a lutar contra a classe colonialista capitalista portuguesa e, lutando contra ela, está a lutar necessariamente contra o imperialismo, porque ela é um pedaço, embora pequenino e mesmo podre, do imperialismo. Assim, nós sabemos contra quem é que lutamos.<sup>47</sup>

Dessa forma, a luta é pela tomada dos meios dos meios de produção dos capitalistas que estivessem, em um primeiro momento, localizados nos territórios de Cabo Verde e da Guiné-Bissau, que são uma pequena parte do imperialismo mundial que, para Cabral, tem como objetivo espoliar os recursos materiais e humanos dos povos subalternos. Seria a última

<sup>46</sup> CABRAL, *Unidade e luta*, p.93.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p.98.

evolução do capitalismo, conseqüente do desenvolvimento das forças produtivas e das transformações do modo de produção no âmbito de toda a humanidade, cuja história sempre estaria em movimento. Por essas espoliações, Cabral conclui que a necessidade à sua época era a libertação nacional dos povos e a destruição do capitalismo, seguida de uma construção baseada no modelo socialista.<sup>48</sup>

Em consonância com o que pensa Cabral, Nkrumah também prega a construção ó continental, no caso ó da nova sociedade recém-independente nos moldes do socialismo. Embora não tenha dedicado um capítulo de seus livros a Lenin, a definição de imperialismo do estadista ganês se assemelha ao do revolucionário russo, bem como o próprio título de um de seus livros, Neocolonialismo, último estágio do imperialismo, denota homenagem ao trabalho de Lenin, O imperialismo: etapa superior do capitalismo.

Nkrumah estabelece que o modelo de produção que deveria ser empregado na África recém-independente deveria ser nos moldes socialistas: *“only under socialism can we reliably accumulate the capital we need for our development, ensure that the gains of investment are applied to the general welfare, and achieve our goal of a free and united continent”*<sup>49</sup>. O ganês também postula que apenas o socialismo possibilitaria as condições para a construção da unidade continental que seria necessária para a real libertação de África:

A maioria dos territórios passa ao estado de soberania nacional em circunstâncias que inibem mesmo uma pequena liberdade de movimentos dentro das fronteiras nacionais. Essas circunstâncias poderiam ser superadas, mas somente dentro da força combinada que uma unidade continental e uma política socialista central de conjunto poderiam dar.<sup>50</sup>

Ao contrário de Cabral, que pensa que se a pequena-burguesia nacional cometer o suicídio de classes, ela estaria apta a conduzir a luta pela libertação nacional, Nkrumah estabelece uma postura mais crítica com relação a essa classe. Segundo o ganês, a burguesia africana foi uma classe que se desenvolveu sobre a égide do colonialismo e estaria disposta a fazer alianças e acordos com o capital financeiro e com o neocolonialismo para assegurar as vantagens de sua posição social. Dessa forma, as aspirações das massas proletárias africanas,

<sup>48</sup> CABRAL, Unidade e luta, p.78.

<sup>49</sup> NKURUMAH, Kwame. Handbook of revolutionary warfare: A guide to the armed phase of the African Revolution. Nova York: International Publishers, 1969, p.29. Tradução minha: Apenas sob o socialismo nós podemos realmente acumular o capital que precisamos para nosso desenvolvimento, garantir que os ganhos do investimento sejam aplicados ao bem-estar geral e alcançar o nosso objetivo de um continente livre e unido.

<sup>50</sup> NKURUMAH, Kwame. Neocolonialismo, último estágio do imperialismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, pp.37-38.

que só seriam possíveis com o advento do socialismo e da burguesia local, são incongruentes.<sup>51</sup>

De fato, para Nkrumah, o socialismo e sua proposta de unidade africana seriam complementares.<sup>52</sup> Mais que isso, conforme argumenta Alexandre Marcussi, dentro de seu conceito de personalidade africana, Nkrumah compreende o comunalismo existente na África antes da colonização como uma espécie de estágio embrionário do socialismo, sem divisão ou desigualdade de classes. Dessa forma, [Nkrumah] dizia que, na África, ao contrário do que ocorria na Europa, o socialismo não era uma ideologia revolucionária, mas apenas uma ideologia reformista e modernizadora<sup>53</sup>. Isso porque existem dois sentidos de socialismo em Nkrumah. O primeiro, em consonância com que autores como Friedrich Engels<sup>54</sup> escreveram, seria esse comunalismo uma espécie de estágio de socialismo, daí advindo o sentido do reformismo do socialismo na África. Já a partir de 1961<sup>55</sup>, o estadista passa a defender e aplicar o que ele entendia por socialismo-científico marxista, que levaria ao desenvolvimento industrial através de um plano econômico de sete anos. Seria isso que o estadista entendia como modernização.

Para levar o projeto de construção de uma sociedade socialista a cabo no pós-independência, tanto Cabral como Nkrumah afirmam uma verdadeira necessidade da conformação de uma vanguarda revolucionária, de socialistas, que garantam a independência. Em *Unidade e luta*, Cabral argumenta que, dentre as medidas necessárias para a construção da independência nacional, parece-nos ser indispensável a criação duma vanguarda solidamente unida e consciente do verdadeiro significado e objetivo da luta de libertação nacional, que deve por ela ser dirigida<sup>56</sup>. Em consonância, em *Africa must unite*, Nkrumah afirma: o socialismo precisa de socialistas para construí-lo. Consequentemente, estamos a tomar medidas positivas para garantir que o partido e o país produzam homens e mulheres que possam lidar com o nosso programa socialista<sup>57</sup>.

Por fim, cabe ressaltar que ambos os autores consideram premente pensar a revolução socialista em uma unidade terceiro mundista. Nkrumah e Cabral acreditavam na definição de

---

<sup>51</sup> NKRUMAH, 1977, Op. cit., p.9.

<sup>52</sup> NKRUMAH, 1969, Op. cit., p.28.

<sup>53</sup> MARCUSSI, Op. cit., p.276.

<sup>54</sup> ENGELS, Friedrich. *A origem da família, propriedade privada e o Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

<sup>55</sup> ALVARADO, Guillermo. *Africa deve se unir? A formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negristas e pan-africanos (séculos XVIII-XX)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018, p.323.

<sup>56</sup> CABRAL, *Unidade e luta*, Op. cit., p.83.

<sup>57</sup> NKRUMAH, 1963, Op. cit., p.130.

um imperialismo dominado por um capital financeiro que atuava para além das fronteiras da metrópole.

Tanto Nkrumah como Cabral participaram da conferência de Bandung, realizada em 1955, onde foram discutidos os fundamentos de uma rede de solidariedade anticolonial afro-asiática, que em 1966 foram estendidas à América Latina na Conferência Tricontinental de Havana, da qual Cabral participou. Essas discussões se refletem nos escritos dos dois autores, não apenas no sentido de uma colaboração afro-asiática, mas de todo o terceiro mundo que é oprimido pelo capitalismo. O guineense afirma que ãos povos oprimidos da África, da Ásia e da América Latina são necessariamente chamados a desempenhar um papel decisivo na luta pela liquidação do sistema imperialista mundial, de que são as principais vítimas<sup>58</sup>. O ganense, por sua vez, cita nominalmente a conferência de Bandung e a necessidade da aproximação com a América Latina:

Como é óbvio, portanto, a unidade é o primeiro requisito para destruir o neocolonialismo. A necessidade de um governo de união geral, neste muito dividido continente africano, é básica e fundamental. Juntamente com isso, o fortalecimento da Organização de Solidariedade Afro-Asiática e do espírito de Bandung já se faz. Para isso, precisamos buscar a adesão, em base cada vez mais formal, dos nossos irmãos latino-americanos.<sup>59</sup>

Outra forma de unidade que ambos os autores visam, portanto, seria a unidade de todo o terceiro mundo, contra o imperialismo e o neocolonialismo. Dessa forma, podemos perceber que Cabral e Nkrumah premeditam a necessidade de uma revolução socialista em todo o terceiro mundo. Mais do que isso, seria uma revolução socialista em âmbito mundial, uma vez que, conforme argumenta Nkrumah, ãquando a África se tornar economicamente livre e politicamente unida, os monopolistas se encontrarão face a face com sua própria classe trabalhadora, em seus próprios países, e uma nova luta seguirá, dentro da qual a liquidação e o colapso do imperialismo serão totais<sup>60</sup>.

## Conclusão

Lutando contra um inimigo tão poderoso que é o neocolonialismo, tanto Nkrumah como Cabral tombaram em luta. O ganês sofreu um golpe de Estado em fevereiro de 1966, golpe esse que contou com apoio do principal Estado neocolonialista, os Estados Unidos. Morreu como um convicto socialista, pan-africanista, internacionalista e autoproclamado

<sup>58</sup>CABRAL, Unidade e luta, Op. cit., p.97.

<sup>59</sup>NKRUMAH, 1967, Op. cit., p.298.

<sup>60</sup>Ibidem, p.302.

marxista.<sup>61</sup> Já o guineense foi assassinado por um dissidente do PAIGC, recrutado pela PIDE, polícia política portuguesa<sup>62</sup>, em plena batalha de independência, não realizando o sonho de ver Guiné-Bissau ou Cabo Verde livres do jugo colonial.

Após as mortes de Cabral e Nkrumah, no campo político-econômico o que houve, de fato, foi o fortalecimento, e não enfraquecimento, do neocolonialismo. Conforme demonstra Paulo Visentini,

Os Estados africanos sofriam os devastadores efeitos da crise e da reestruturação da economia capitalista mundial iniciados na década de 1970, fenômenos que se aprofundaram nos anos 1980 [...] A renda per capita, em 1990, caiu ao mesmo nível da de 1960. Face à incapacidade dos países africanos em reagir de forma articulada, foi inevitável recorrer aos organismos financeiros mundiais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Estes impuseram a todo o continente o mesmo receituário: desvalorização da moeda, redução das tarifas alfandegárias, corte no orçamento e subsídios estatais (que afetaram principalmente os setores da educação, saúde e alimentação), a reforma da agricultura (desmantelando as cooperativas, as fazendas estatais e a produção aldeã), e a privatização das empresas públicas. [...] a dívida externa dos países africanos atingia 272 bilhões de dólares (90% do PIB), que era o dobro da de 1980 [...] As consequências sociais foram desastrosas, com o aumento da fome endêmica em algumas regiões, o retrocesso alimentar e generalizado, e o colapso das estruturas sociais.<sup>63</sup>

Ou seja, os resultados da ampliação do neocolonialismo em África foram pobreza, miséria, fome, balcanização e endividamento externo. Não há como, dessa forma, não ser simpático às ideias de Nkrumah e Cabral de denúncia e luta contra o neocolonialismo. Conforme argumentado, os dois estadistas foram importantíssimos agentes, com destacada atuação política, revolucionária e intelectual, que lutaram contra as injustiças e a exploração causadas pelo imperialismo, colonialismo e neocolonialismo na África.

## Referências bibliográficas

### Livros

ADI, Hakim; SHERWOOD, Marika. Pan-African history political figures from Africa and the diaspora since 1787. Londres: Routledge, 2003.

ALVARADO, Guillermo. Africa deve se unir? a formação da teórica da unidade e a imaginação da África nos marcos epistêmicos pan-negrístas e pan-africanos (séculos XVIII-XX). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018.

BINEY, Ama. The political and social thought of Kwame Nkrumah. Nova York: Palgrave MacMillan, 2011.

CABRAL, Amílcar. Unidade e luta. Disponível em <http://www.amilcarchabral.org/livro.pdf> (Acesso em 26 de outubro de 2017).

<sup>61</sup> BINEY, Op. cit., p.191.

<sup>62</sup> ADI; SHERWOOD, Op. cit., p.19.

<sup>63</sup> VISENTINI, Paulo Fagundes. A África na política internacional: o sistema interafricano e sua inserção mundial. Curitiba: Juruá Editora, 2011, pp.147-149.

- DECRAENE, Philippe. O pan-africanismo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.
- ENGELS, Friedrich. A origem da família, propriedade privada e o Estado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- LAWSON, Amme. Kwame Nkrumah quest for pan africanism: from independence leader to deposed despot. Wolfville: Acadia University, 2004
- LEGUM, Colin. Pan-africanism: a short political guide. Nova York: Frederick A. Praeger, 1965.
- LENIN, Vladimir Ilitch. O imperialismo: etapa superior do capitalismo. Campinas: Unicamp, 2011.
- NKRUMAH, Kwame. Africa must unite. Nova York: Frederick A. Praeger, 1963.
- NKRUMAH, Kwame. Neocolonialismo: último estágio do imperialismo. Trad. Maurício C. Pedreira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- NKRUMAH, Kwame. Handbook of revolutionary warfare: a guide to the armed phase of the african revolution. Nova York: International Publishers, 1969.
- NKRUMAH, Kwame. A luta de classes em África. Lisboa: Universidade Sá da Costa Editora, 1977.
- RODNEY, Walter. Como a Europa subdesenvolveu a África. Lisboa: Seara Nova, 1975.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. A África na política internacional: o sistema interafricano e sua inserção mundial. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

### Capítulos

- CABRAL, Amílcar. Libertação nacional e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, 2012, pp. 355-376.
- DURÃO, Gustavo de Andrade. O pan-africanismo de Amílcar Cabral: questões e temas atuais. In: Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- MARCUSSI, Alexandre Almeida. Personalidade, raça e nação na África pós-colonial: alguns apontamentos a partir das ideias de Kwame Nkrumah. In: REIS, Raissa; RESENDE, Taciana; MOTA, Thiago (Orgs). Estudos sobre África Ocidental: dinâmicas culturais, diálogos atlânticos. Curitiba: Prismas, 2016, pp. 259-286.
- ROLIM, Gustavo Koszeniewski. Revolução e cultura no pensamento de Frantz Fanon e Amílcar Cabral. In: MACEDO, José Rivair. O pensamento africano no século XX. São Paulo: Outras Expressões, 2016, pp. 167-198.
- SCHERER, Mathias Inácio. Kwame Nkrumah, o neocolonialismo e o pan-africanismo. In: MACEDO, José Rivair. O pensamento africano no século XX. São Paulo: Outras Expressões, 2016, pp. 143-166.

### Periódicos

- GEBE, Boni. Ghana's foreign policy at independence and implications for the 1966 coup d'état. The Journal of Pan African Studies, Santa Clarita, v. 2, n. 3, pp. 160-166, mar. 2008.
- KAH, Henry. Kwame Nkrumah and the pan-african vision: between acceptance and rebutal. Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations, v. 5, n. 9, pp. 141-164, jan./jun. 2016.
- MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, Ano 23, n. 1, pp. 171-209, 2001.

PAIM, Márcio. Pan-africanismo: política, libertação e golpe de Estado. Revista TEL, Irati, v. 7, n. 1, pp. 207-229, jan./jun. 2016.